

Apagamento simbólico: Análise das Paraolimpíadas Através do Jornal A Gazeta ¹

Ana Julia dos SANTOS²

Isadora SOUSA³

Janaina PEDROTTI⁴

Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, MT

RESUMO

O presente estudo faz uma reflexão sobre a cobertura da imprensa nas paraolimpíadas de Tóquio de 2020, realizada em 2021 devido à pandemia do coronavírus. De forma específica, como recorte do objeto, a análise acompanhou todos os dias de jogos que foram veiculadas no jornal A Gazeta em Mato Grosso. O esporte paralímpico é uma manifestação esportiva voltada para pessoas com deficiência física, intelectual e visual, tendo assim duas finalidades: o enfoque médico e a inserção social com conotação competitiva. (SOUSA,2004; ARAÚJO, 2011, apud SILVA, p. 26, 2018). O esporte adaptado surgiu entre o final do século XIX e início do século XX, os surdos foram os primeiros a sistematizar a prática esportiva (STEFANE, 2005, apud. SILVA, p. 25, 2018). O esporte foi inserido inicialmente para pacientes de Stoke Mandeville como parte da reabilitação e também como incentivo para continuar o tratamento de ex-combatentes da Guerra e pessoas que foram lesionadas ou nasceram com alguma deficiência (GUTTMAN, 1967, apud. SILVA, p. 26, 2018). Em julho de 1948 ocorreu o primeiro evento dos Jogos Nacionais de Stoke Mandeville – vila e freguesia inglesa no distrito de Aylesbury Vale, no condado de Buckinghamshire – (JNSM), que foi o propulsor para os movimentos dos jogos paralímpicos e em 1956 o JNSM foi oficialmente reconhecido pelo Comitê Olímpico Internacional (COI), nesta edição

¹ Trabalho apresentado na IJ 8- Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XXII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 9 a 11 de Junho de 2022.

² Estudante de Graduação 5º. Semestre do Curso de Jornalismo da UFMT, email: anajulia.981d@gmail.com

³ Estudante de Graduação 5º. Semestre do Curso de Jornalismo da UFMT, email: isadorasousa2223@gmail.com

⁴ Orientadora do Trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da UFMT, email: janaina.pedrotti@ufmt.br



participaram 400 atletas com deficiência física de 23 países, disputando 57 medalhas, em oito modalidades, que reuniu 5.000 espectadores no Estádio Acqua Acetosa, esse evento foi reconhecida como os primeiros jogos paralímpicos (ARAÚJO,2011, apud. SILVA, p.29, 2018) . No ano de 2000, nos Jogos Olímpicos de Sydney-Austrália, os dirigentes do COI e do Comitê Paralímpico Internacional (IPC), entidade responsável por gerenciar e administrar os jogos paralímpicos no mundo, assinaram um memorando de entendimento visando a realização das duas programações na mesma cidade anfitriã dos JO. (SILVA, 2018). Essa expansão histórica-social com proporção mundial, trouxe proeminência e perceptibilidade na mídia tendo esse segmento no foco dos acontecimentos, justificando a escolha desta cobertura para acompanhar como o jornal retratou as pessoas com deficiência. Assim, aborda-se a problematização que instigou este estudo de pensar a cobertura dos jogos pela falta de interesse de explicar as deficiências ou mesmo incluí-los socialmente, já que conforme anunciavam uma categoria, não havia precisão nas informações processadas, ou mesmo equipe própria escalada para a elaboração de conteúdo, sendo veiculado material de agência em sua maioria, permitindo problematizar sobre o ponto de repercussão que mais interessou a cobertura jornalística. Metodologicamente, a ideia foi de catalogar todas as matérias do caderno de esporte do jornal A Gazeta, que pertence à rede Record de Comunicação e o caderno de esporte do site do G1 MT, que pertence à rede Centro América de Comunicação, entre os dias 24 de agosto a 5 de setembro e tivessem como enfoque as paraolimpíadas. Entretanto, não foram publicados conteúdo, sobre a temática, suficiente para análise no site G1 MT, assim, somente foi possível acompanhar as matérias publicadas pelo jornal A Gazeta. A veiculação da cobertura midiática das paraolimpíadas, em uma perspectiva semiótica abordada por Santaella e Nöth (2017, 2017, p. 7), circula em signos que geram significação, comunicação e interpretação deste evento mundial e por seguinte, deste segmento social, pouco representado no cotidiano social e midiático, em um movimento *continuum*. A análise foi dialogada com estudos de Fernando Augusto Saker e Jaqueline Monique Silva que acompanharam outras coberturas das paraolimpíadas e trouxeram a reflexão de que pessoas com deficiência não são super pessoas que a mídia representa diariamente nos canais de comunicação, mas são cidadãos que vivem na normalidade dentro das suas limitações e que quando estão na mídia, não precisam necessariamente falar de sua deficiência e das



suas dificuldades. Ao todo foram analisadas 44 matérias, sendo 41 delas voltadas ao esporte paraolímpico e 3 sobre assuntos que não têm ligação com o tema deste artigo. Em relação à autoria do material, 3 foram da GazetaPress SP, 4 reportagens dos jornalistas da Gazeta, 13 conteúdos assinados pela editoria e 23 matérias da agência Estadão, importante a ressaltar que o caderno de esportes do jornal A Gazeta contém quatro páginas, e a cobertura dos jogos paraolímpicos se encontrava na última página e na contracapa. Coberturas jornalísticas essas, que em sua maioria minorizavam a vida do atleta e colocavam enfoque nas medalhas conquistadas, trazendo um apagamento do atleta. Para explicitar as questões identificadas na análise, selecionamos duas matérias para acrescentar em nosso resumo, com uma análise sintética sobre questões identificadas no decorrer do estudo e que ocorreram de forma repetida durante a análise, no conjunto dos materiais acompanhado. A primeira matéria analisada foi publicada em 24/07/2021, com o título “Começam os jogos da inclusão” sendo seu conteúdo sobre a abertura dos jogos, e em contexto é pouco informativa, o jornalista dispõe as informações partindo de um pressuposto de que os leitores irão conseguir entender as deficiências e reconhecer os atletas, como se o público já estivesse familiarizado com essas pessoas, algo que não acontece por essas notícias serem exibidas somente em datas específicas como em dias de jogos. Além disso, juntamente ao texto encontra-se uma foto de um atleta, na parte central, sem dar noção ao leitor de quem é aquela pessoa, qual esporte pratica e a deficiência que possui, contexto que pode deixar os leitores perdidos, sem entender o que aquele atleta faz já que o mesmo pode ser confundido com uma pessoa sem deficiência. Outro aspecto relevante, é que a primeira matéria do dia das paraolimpíadas é a única escrita por um profissional da equipe do próprio jornal, já as outras três que completam o caderno de esportes, foram compradas de agências. A segunda matéria selecionada, foi publicada em 01/09/2021 intitulada “Yeltsin bate recorde mundial”, é o segundo destaque na sessão do site, dedicado aos esportes, sendo, a primeira uma matéria falando sobre a contratação do jogador Cristiano Ronaldo para jogar pelo Manchester United. Na matéria sobre Yeltsin, é mencionado o seu quadro de medalhas, sendo a segunda nas paraolimpíadas e a centésima do país. Embora aborde os feitos do paratleta e do seu adversário, o conteúdo não traz à tona o atleta guia que Yeltsin necessita, já que na foto usada na matéria, fica óbvio que o paratleta possui deficiência visual. É inserido no conteúdo uma curta



declaração de Yeltsin e o conteúdo é encerrado. Sendo o responsável por trazer a centésima medalha para o Brasil e sendo a segunda de sua carreira, Yeltsin merecia mais espaço. Não há informação sobre a trajetória do esportista até chegar nas paraolimpíadas, assim como também não há referência ao atleta guia e o que incentivou o paratleta a escolher esse profissional como guia, o abordando a dinâmica de trabalho dos dois, os treinamentos, todo o processo que enfrentaram juntos. A matéria sobre Cristiano Ronaldo teve mais destaque do que a matéria do paratleta que foi responsável por trazer o centésimo ouro para o país. Por fim, essa análise instiga a reflexão não apenas sobre a falta de interesse dos veículos de comunicação para com os paratletas, considerando o restrito número de matérias e espaço de importância em que são apresentadas, mas também sobre os signos que circulam nestes materiais e sobre a que significação, comunicação e interpretação estão relacionados. Há um apagamento, desses paratletas, uma invisibilidade social já presente na sociedade e na cobertura diária da imprensa, mas que nem mesmo na ocasião em que são medalhistas, passam a ter papel ativo e humanizado nas representações midiáticas. Falta de consideração com as modalidades, desinteresse do jornalismo e da sociedade, nem mesmo o nome de toda a equipe de Mato Grosso que teve desempenho olímpico, ideal máximo esportivo, aparece nas matérias, em um apagamento simbólico de suas existências. As olimpíadas tiveram destaque massivo em mídias abertas e virtuais, porque o mesmo não ocorreu com o paratletismo? A sociedade só faz questão de lembrar dessas pessoas durante datas específicas. Se o jornalismo mudasse a forma como aborda pessoas com deficiência, ao humanizá-las, em interpretantes simbólicos de sua presença e humanidade, talvez a sociedade estivesse inclinada a ampliar e aguçar a sua perspectiva relacionada à temática a partir de uma cobertura que trouxesse significações que vão além de estereótipos, silêncios e exclusões sociais. É possível observar em ambas as matérias a falta de interesse com os paratletas, o desinteresse em explicar as deficiências, conforme anunciavam uma categoria, sem as devidas explicações. Nota-se a falta de cuidado ao escreverem matérias superficiais e relapsas, que exigem pesquisa do leitor para saber quem são os paratletas, o funcionamento das modalidades e a divisão das categorias.

PALAVRAS-CHAVE: Paraolimpíadas; Jornalismo; Semiótica; Análise



REFERÊNCIAS

AUGUSTO, Fernando. **Jornalismo e pessoas com deficiência**: construção de conceitos e superação de estigmas por meio da comunicação. São Paulo, 2010.

SILVA, Jaqueline. **O discurso midiático dos jogos paraolímpicos no caderno de esportes do jornal O Globo**. Minas Gerais, 2018.

JANONE, L.; ALMEIDA, P. **Brasil tem mais de 17 milhões de pessoas com deficiência, segundo IBGE**. Disponível em:

<<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/brasil-tem-mais-de-17-milhoes-de-pessoas-com-m-deficiencia-segundo-ibge/>>. Acesso em: 24 abr. 2022.

NÖTH, Winfried e SANTAELLA, Lucia. **Introdução à Semiótica: passo a passo para compreender os signos e a sua significação**. São Paulo: Paulus, 2017.

VIZEU, A.. **A produção de sentidos no jornalismo: da teoria da enunciação à enunciação jornalística**. In: José Benedito Pinho. (Org.). Anuário Internacional de Comunicação Lusófona. São Paulo: Intercom, 2004

JUNIOR, Oliveira. **Começam os jogos da inclusão**. A Gazeta, Cuiabá, 24/07/2021. Seção 10B. Disponível em:

<<http://flip.gazetadigital.com.br/pub/jornalagazeta/?numero=10640#page/20>>. Acesso em: 29 abr. 2022.

ESTADÃO CONTEÚDO. **Yeltsin bate recorde mundial**. A Gazeta, Cuiabá, 01/09/2021. Seção 10B. Disponível em:

<<http://flip.gazetadigital.com.br/pub/jornalagazeta/?numero=10647#page/20>>. Acesso em: 29 abr. 2022.